



FORMAÇÃO CONTINUADA: do audiovisual à prática

Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva¹

RESUMO

Este artigo, intitulado “Curso *Audiovisual e educação – teoria e prática*”: um estudo de caso na formação continuada de professores da rede pública de ensino do Distrito Federal, analisa os efeitos do curso *Audiovisual e educação: teoria e prática*, oferecido a profissionais da educação em 2011, pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), da Secretaria de Educação do Distrito Federal. A pesquisa para este trabalho partiu de experiência cujo objetivo foi contribuir na formação de professores e levantou o seguinte problema: em que medida o curso *Audiovisual e educação: teoria e prática* contribuiu para a prática pedagógica dos cursistas com o uso do audiovisual na educação? Buscando responder essa pergunta, analisou-se a proposta do curso à luz de referencial teórico que inclui Cândido Almeida, Joan Ferrés, José Moran, Sérgio Rizzo Jr., Pedro Demo, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação escolar básica. Audiovisual na educação. Uso das mídias na educação. Formação de Professores. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This work, titled “*Curso Audiovisual e Educação – Teoria e Prática*”: um estudo de caso na formação continuada de professores da rede pública de ensino do Distrito Federal, analyses the effects of the course *Audiovisual e Educação – Teoria e Prática (Audiovisual and Education: Theory and Practice)*, offered in 2011 by the Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE) to the education professionals of the Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). The research for this work came from an experience whose aim was to contribute to the training of teachers and it raised the following question: to what extent the course *Audiovisual and Education: Theory and Practice* contributed to the pedagogical practice of course participants with the use of audiovisual in education? Searching to answer this question, the course proposal was analyzed in light of the current theoretical support that includes Cândido Almeida, Joan Ferrés, José Moran, Sergio Rizzo Jr., Pedro Demo, among others.

KEYWORDS: Basic School Education. Audiovisual education. Media in education. Teacher Training. Teaching and learning.

O protagonista das novas habilidades do século XXI não é propriamente o avanço tecnológico, por mais que isto seja decisivo. É o professor. A melhor tecnologia na escola ainda é o professor. (Pedro Demo)

A vista e o ouvido são, precisamente, os sentidos adequados às manifestações puras e abstratas. (Hegel)

Este artigo foi elaborado a partir de pesquisa realizada junto a professores que participaram do curso *Audiovisual e educação: teoria e prática*, realizado no âmbito da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF), no ano de 2011, e insere-se no tema “Planejamento de formação dos professores para o uso das mídias”.

Em relação ao audiovisual, não se pode afirmar que exista uma preocupação com seu uso em políticas de formação específica para a educação básica e nem nas grades curriculares dos cursos de licenciatura. No entanto, a presença generalizada dos meios audiovisuais na cultura contemporânea, a aquisição – pelas escolas – de equipamentos e acervo, o interesse e a adesão de tantos educadores e também dos jovens aos apelos da imagem vêm fazendo com que o audiovisual se estabeleça no dia a dia da escola (RIZZO JR., 2011, p. 12).

Diante desse enraizamento do audiovisual no cotidiano da educação formal, é importante e naturalmente esperado que se planejem políticas e ações de formação que preparem os profissionais para seu uso em benefício da melhoria das aprendizagens. Nessa perspectiva é que se buscou relatar uma experiência de ação formadora realizada no âmbito da EAPE², cujo objetivo foi contribuir com a formação de professores para o uso das mídias digitais, especificamente o uso do audiovisual na educação.

A pergunta que se colocou para a pesquisa que deu origem a este trabalho é a seguinte: em que medida o curso *Audiovisual e educação: teoria e prática*, realizado no âmbito da EAPE, no ano de 2011, contribuiu para a prática dos professores cursistas em seus trabalhos com o uso do audiovisual na educação? A investigação teve como objetivo geral analisar os efeitos desencadeados pela ação formadora do curso *AE: TP*³, buscando verificar a adequação do curso para a preparação docente, tendo em vista o uso do audiovisual como estratégia pedagógica.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se ofertar aos professores a formação adequada para que compreendam os mecanismos da linguagem audiovisual e as circunstâncias que propiciam a produção e a difusão das obras e para que sintam segurança e adquiram

¹ Doutora (2008) em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Professora aposentada da SEDF-GDF. Pesquisadora do Grupo: Literatura contemporânea (UnB/CNPq). Email: gislenebarral@felipedasilva.com

² A EAPE tem como missão “promover a formação inicial e continuada dos servidores das Carreiras Magistério Público e Assistência à Educação, em consonância com as demandas da rede pública do ensino do DF”. Disponível em: <http://www.eape.sedf.gov.br/?page_id=58>. Acesso em: 25 nov. 2012.

³ Doravante, sempre que se encontrar a sigla *AE: TP*, ela faz referência ao curso *Audiovisual e educação: teoria e prática*, objeto de estudo deste trabalho.



autonomia, tornando-se capazes de explorar as tecnologias e de conhecer, avaliar e aproveitar suas potencialidades.

A formação continuada

Esta revisão compreende uma rápida amostra da literatura produzida acerca dos temas – *formação continuada de professores e uso do audiovisual na educação* –, a partir de meados dos anos 1980, concentrando-se, porém, nos anos 2000.

Supõe-se que a formação continuada de professores deva promover “o conhecimento dos signos, dos símbolos e da cultura, agentes mediadores e ferramentas úteis no processo de aquisição do conhecimento” (FREITAS, 2007). Esse conhecimento, que faz parte da profissionalização do educador e da preparação do educando para a vida e para o mercado, compreende também o “uso das mídias” na educação e hoje passa pela inclusão das tecnologias de informação e comunicação nas práticas educativas.

O sociólogo Pedro Demo assevera que “se quisermos mudanças de dentro, no sentido de saber lidar com as novas tecnologias em nome do direito de estudar da população, a figura-chave é o professor” (2008, p. 14). Se o uso dessas tecnologias pode melhorar a qualidade da aprendizagem, exige, contudo, a preparação dos professores para seu conhecimento e sua aplicação.

Planejamento

Entende-se que a “formação continuada de professores” se realiza por meio de inúmeras ações que incluem a participação em cursos, oficinas, seminários, palestras, grupos de leitura e de estudos, entre outras. Para se concretizarem como tal, essas ações devem estar relacionadas à prática pedagógica e levar a reflexões teórico-práticas sobre o fazer docente.

A modalidade continuada de formação se iniciou no Brasil com atividades de treinamento e aperfeiçoamento dos anos 1940 a 1970, buscando preencher falhas da formação inicial. Contudo, dos anos 1980 em diante, a estrutura da formação continuada se modifica, trazendo preocupações referentes a conteúdos e estratégias de ensino-aprendizagem, mas também relacionadas a saberes e competências dos professores. Hoje, a formação continuada é uma temática que se fortaleceu e faz parte das políticas públicas de educação; tanto que em

2004 criou-se a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores com o objetivo de melhorar a formação dos professores e alunos (BRASIL, 2012).

No mundo acadêmico, a formação continuada é um assunto que tem despertado interesse de muitos estudiosos. Nesse sentido, a pesquisa *Professores na região centro-oeste: temas e subtemas*, realizada por Bernardes (2011, p. 139-159) em produções dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Centro-Oeste no período 1999-2005, identificou que, nesses programas, a temática mais pesquisada pelos pós-graduandos de mestrado e doutorado foi “formação de professores”. Essa pesquisa também aponta que tecnologias da informação e comunicação é um tema que guarda estreita relação com a formação e a prática do professor.

Embora nos dias de hoje a formação continuada seja tratada como um direito garantido por lei, há também que se considerar que os programas de formação de professores acabam por refletir as novas necessidades do mercado de trabalho sob a ótica dos moldes de produção capitalista atual. Assim, cada nova fase de desenvolvimento social e econômico traz novos projetos pedagógicos e novos perfis de professores identificados como adequados a essas necessidades (CHAMON, 2006). Isso porque as ações de formação docente precisam “estar em consonância com a situação do momento presente” e também com “a realização pessoal, profissional e social desses indivíduos” (OSÓRIO, 2011, p. 117).

A preocupação com a oferta de formação continuada aos docentes pode ser explicada pela necessidade e tendência de profissionalização do educador, como também pela necessidade de o professor saber como se aproximar de seu aluno; e atualizar-se nas áreas de conhecimento auxilia nessa demanda. Além disso, na contemporaneidade, uma das condições fundamentais de o docente aproximar-se do aluno passa pela “fluência tecnológica” (DEMO, op. cit.). Mas embora essa “fluência” possa ser considerada uma das principais habilidades na profissionalização do educador, ela não deve ser a mais importante; ela deve estar a serviço da aprendizagem. A tecnologia precisa ser vista como uma forma de servir à aprendizagem, e não restringir a aprendizagem ao manuseio da tecnologia.

O planejamento dos programas de formação continuada é uma ação a ser enfrentada pelos gestores das políticas públicas de educação, pois, como mediadores, precisam possibilitar aos professores se inserir em programas de formação continuada e ter acesso ao uso de mídias e tecnologias. Em se tratando de formação para o uso do audiovisual na educação,

é importante que se possa contar com equipamentos (TV, DVD, máquina filmadora, computador, softwares, entre outros) e um ambiente apropriado para manuseio e aplicabilidade dos recursos na escola (laboratório de informática, sala de exibição e outros) que propicie acesso e qualidade no uso das mídias na escola.

Uso das mídias: audiovisual e educação

O audiovisual pode ser entendido como a linguagem que combina som e imagem na produção de uma obra para exibição no circuito cinematográfico, em canais de televisão ou para circulação em sites da internet e aparelhos portáteis, como *tablets*, celulares, MP4 *players*, entre outros (RIZZO JR., 2011, p. 102).

A linguagem audiovisual é, geralmente, rápida, eficiente e impactante. É a ela – hoje a principal linguagem usada para informar e comunicar – que crianças e jovens estão expostos diariamente por meio da televisão, do cinema, dos vídeos. Isso leva a pensar que paralela a uma pedagogia tradicional que se baseia na leitura, na escrita, nos cálculos mentais, há também outra didática extracurricular, a das imagens em movimento e nas telas, que, inevitavelmente, produz seus efeitos ao submeter todos a um bombardeio com mensagens audiovisuais na vida cotidiana.

Tem razão o pedagogo espanhol Joan Ferrés (1996) quando afirma que a Educação em Comunicação Audiovisual “exige uma formação específica, (...) para compreender as intenções e, sobretudo, os efeitos de uma mensagem”. Isso porque a competência em comunicação audiovisual passa pela formação e pela habilidade em detectar as intenções e os efeitos das mensagens audiovisuais que recebemos em nossa vida cotidiana. Assim, educar para o convívio com o audiovisual significa educar as sensações e as emoções e o convívio dessas com a racionalidade, construindo a capacidade no indivíduo para que ele possa refletir a partir de suas emoções. Nesse sentido, em “O vídeo na sala de aula”, Moran (1995) relaciona inúmeras vantagens da utilização do vídeo em sala de aula e apresenta propostas de utilização do audiovisual e sugestões para análise de vídeos.

Contudo, uma certa desconfiança ainda paira sobre o uso mais intenso, ou mesmo a incorporação, do audiovisual ao ambiente escolar, pois

[...] o caráter polissêmico da imagem, o convite à fantasia e ao irracional, os aspectos lúdicos que acompanham os modos de consumo e sobretudo o traço extracurricular da televisão têm contribuído para gerar uma certa

insegurança dentro de meios acadêmicos quanto à verdadeira contribuição desta mídia dentro do cenário de formação educacional de um aluno (ALMEIDA, 1986, p. 73).

E ainda que o audiovisual tenha toda a adesão do público estudantil, “a distância que separa atualmente a didática mais reticente do audiovisual moderno é inversamente proporcional à que aproxima cada vez mais o jovem deste veículo. Neste domínio o jovem é rei” (ALMEIDA, 1986, p. 73).

Hoje os recursos audiovisuais geralmente são utilizados na escola com o objetivo de trabalhar conteúdos de aprendizagem, oferecendo apoio paradidático às aulas e às atividades das variadas disciplinas, servindo a propósito meramente informativo ou como material gerador de reflexões e debates. Rizzo Jr. (op. cit., p. 11) não vê nisso nenhum equívoco, porém adverte que se trata de uma maneira restrita de considerar o potencial dos meios audiovisuais na formação de crianças e jovens.

Diante do vertiginoso avanço tecnológico, Rizzo Jr. considera que os programas de capacitação tendem a contemplar um cenário anacrônico, que minimiza ou despreza os efeitos da revolução “digital” sobre o cotidiano de professores e alunos e a configuração de um ambiente novo para a produção, o consumo, a circulação e a apreciação das obras audiovisuais. Em consonância com essa perspectiva, Lima (2004, p. 1) avalia que a prática habitual de uso do vídeo na escola se encontra distante do ideal de autonomia e participação, impedindo o entendimento de que a educação é um processo de transmissão de informações a serem memorizadas.

Contudo, Almeida (1986) vislumbra que dois caminhos podem ser tomados com a introdução do audiovisual na escola: “um ligado à releitura das relações sociais entre a pedagogia tradicional e a imagem, assimilando o audiovisual em uma revisão crítica do conjunto de informações oferecidas por este meio”; e outro, que é “desenvolver estratégias de absorção do audiovisual nas escolas enquanto tecnologia, ou seja, enquanto recurso audiovisual completo” (p. 73-74).

Nesse sentido, segundo Ferrés (1996, p. 35), o problema mais rápido a ser enfrentado para integrar o vídeo à educação, de forma plena e coerente, é a formação do professor, pois “os professores não são audiovisuais”, uma vez que não foram preparados, em sua formação, para se sentirem à vontade com os meios audiovisuais. O autor chega a sugerir que cursos de formação sejam oferecidos na própria escola onde o docente atua e para todo o

grupo de docentes que irá trabalhar com o audiovisual. Essa formação em grupo, diz ele, propicia o estímulo e a motivação mútuos para o trabalho conjunto.

No universo da educação para o audiovisual, os cursos, os materiais e as tecnologias disponíveis precisam ser embasados em uma pedagogia que leve à autonomia, à criatividade, à autoria, a fim de reforçar “a análise crítica, a iniciativa e o desejo de criar” (NEVES, 2005, p. 8). A educação para a convivência com a tecnologia deve ter em conta que a mesma tecnologia que encanta e seduz, deve ser questionada. É preciso não aceitar passivamente e nos deixar levar pelo que ela tem de envolvente; mas tirar proveito de tudo o que ela pode nos proporcionar em termos de produção e divulgação de criações individuais e coletivas. Lidar bem com a informação, a comunicação, a tecnologia inclui o domínio técnico, mas vai além das habilidades e destrezas, impondo-se o desafio de se estabelecer uma relação crítica e autocrítica com seu consumo e produção.

Essa articulação é proposta pelo curso *Audiovíslual e educação: teoria e prática*. Entender as contribuições que esse curso ofereceu e que cursos com esse perfil e formato podem oferecer no planejamento da formação continuada de professores para o uso das mídias na educação é o foco desta pesquisa.

Os achados da pesquisa

Esta seção apresenta a formação a partir das visões do professor-formador e dos professores-cursistas. A análise de suas respostas às perguntas dos questionários permitirá elaborar uma resposta sobre o problema proposto.

A visão do professor-formador

O professor-formador respondeu a um questionário composto de 20 perguntas abertas. A partir da análise das respostas dadas, construíram-se as subseções que compõem esta seção 2.1.

A escola, uma das vias consideradas como fundamentais na transformação social, encontra-se, no momento, diante de um cenário complexo, com intensos avanços tecnológicos, globalização da sociedade e da economia e difusão da informação, em meio a uma

crecente exclusão social. A essa escola cabe, em grande parte, a tarefa de preparar os indivíduos com os conhecimentos para atender às exigências sociais. Então, a formação continuada tem seu lugar garantido como tempo e espaço de reflexão sobre dificuldades e soluções para os problemas da prática docente e para as mudanças necessárias diante de tantas transformações.

Partindo dessa compreensão, a concepção e o desenvolvimento do curso *Audiovíslual e educação: teoria e prática* podem ser creditados ao esforço do professor-formador “em pensar o uso e a produção audiovisual por professores e estudantes (...) no espaço escolar” (PF⁴). Assim, o curso em tela vem ao encontro do que é, segundo Ferrés (1996), o problema mais urgente a enfrentar para se conseguir que o vídeo seja integrado, plena e coerentemente, ao ensino: a formação do professor.

Sobre a concepção do curso e seu desenvolvimento

O curso *AE: TP* não foi oferecido como uma política pública ou um curso oficial da Secretaria de Educação do Distrito Federal ou da EAPE. No ano de 2011, havia a possibilidade de os professores-formadores da EAPE submeterem à direção da Instituição propostas de cursos livres; e essas propostas, se julgadas de interesse da rede pública de ensino, eram aprovadas. As propostas aprovadas deveriam ser imediatamente colocadas em prática. Assim, o curso foi realizado de 25 de agosto a 24 de novembro de 2011, em um total de 60 horas-aula⁵ (Cf. BARRAL, 2011).

A motivação para ofertar o curso a seus pares partiu da observação do professor-formador “diante das várias possibilidades que vinham surgindo com as tecnologias do vídeo, dos aparelhos eletrônicos, celular, internet, Youtube, Google, entre outros” (PF). Também observava, segundo informa, essa demanda por formação na área do uso do audiovisual na educação a partir da convivência com outros professores que “queriam saber sobre vídeo, internet, tecnologia, queriam trabalhar com produção de vídeo e não sabiam como” (PF). Essa foi uma percepção que teve no decorrer de sua experiência docente em escolas públicas do Distrito Federal. Ao passar a atuar na escola de formação de professores, surgiu a oportunidade de oferecer um curso e, imediatamente, vieram-lhe o tema e título do curso. Elaborou a proposta, o programa e a ementa do curso, os quais foram entregues para avaliação da

⁴ As falas do professor-formador serão identificadas pela sigla PF.

⁵ Uma das aulas do curso está disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5W1mBTiEacQ>

coordenação e direção. Aprovado o curso, foram abertas as inscrições, formando 2 turmas com 12 alunos cada, totalizando 24 alunos.

Uma das turmas tinha aulas nas terças-feiras e outra, nas quintas-feiras. No início, as duas turmas tinham 24 alunos, mas depois o número se reduziu a mais ou menos seis alunos por turma. O curso tinha expectativa de reunir 20 alunos por turma, mas a divulgação prejudicada frustrou essa possibilidade. Durante o curso alguns alunos matriculados não apareceram, outros desistiram, por motivos mais pessoais que em relação ao curso, conforme explicações prévias dadas por eles.

O curso foi planejado para 60 horas, sendo 48 diretas e 12 indiretas, com 16 encontros presenciais de três horas semanais. A concepção geral se baseava em teoria e prática. Diante do tempo exíguo para uma formação dessa consistência, intercalaram-se aulas teóricas com oficinas práticas. O professor-formador buscou parceria com outras pessoas experientes em audiovisual – professores, comunicadores sociais e cineastas – que puderam trabalhar com ele em algumas oficinas.

Para desenvolver o trabalho de formação, o professor-formador contou com sua experiência profissional com a linguagem da imagem, das tecnologias e do vídeo, que vinham de longa data. Ele trabalhava, anteriormente, com alunos do ensino médio na produção de conteúdos pedagógicos por meio do uso de celulares; e na produção coletiva de produtos audiovisuais para Internet com outros profissionais da área. A proposição do curso, naquele momento, foi algo pessoal, relacionado mais à sua vivência do que um projeto da escola em formar professores para o audiovisual, passando “a defender a necessidade de se pensar o audiovisual, as mídias digitais, a internet e as tecnologias como partes do processo de escolarização e do processo de ensino-aprendizagem” (PF).

Sobre a formação de professores em audiovisual e educação

O professor-formador explica que embora o audiovisual seja utilizado em sala de aula há muito tempo, praticamente não existem disciplinas em teoria, história ou prática de audiovisual. Classifica como raros os cursos de pedagogia que trabalham com o audiovisual, ou com a sociologia da imagem, em suas grades curriculares. É insuficiente que as escolas recebam televisões, vídeos, computadores, e outros, se os professores não tomarem essas tecnologias como parte integrante de seu modo de se comunicarem e se expressarem na sua

didática, na sala de aula. Os equipamentos logo vão se tornando obsoletos, vão ocupando espaço sem terem cumprido seu papel pedagógico. Isso porque, segundo o professor-formador, a pedagogia se prende ainda a ler, escrever e contar, ignorando a necessidade de uma alfabetização midiática ou de uma educação do olhar. Assim como se aprende a ler, é preciso aprender a ver. Nesse ponto é necessária, de acordo com Ferrés (1996, p. 35), além da preparação técnica, tecnológica, expressiva e didática, a sensibilização para uma nova maneira de ser, pensar e se comunicar e mesmo de se adaptar a essa nova cultura.

Essa sensibilização impediria que ocorresse o uso do audiovisual sem planejamento. Como exemplo disso, o professor-formador cita o caso em que um professor está exibindo um filme para a turma e a sirene toca; então ele desliga o filme e a turma vai embora. Ou seja, o professor não programa um lugar de corte, um ponto de ruptura no roteiro, porque ele não sabe como trabalhar com a linguagem das artes visuais, com a linguagem da imagem. Daí se percebe que a presença do audiovisual na escola ainda não foi assimilada plenamente e que o professor ainda não se apropriou dos códigos audiovisuais para fazer seu uso adequado no ambiente educacional. “Por isso, o debate tão interessante sobre o professor usuário de vídeo, o pesquisador das imagens e o realizador, tripé que orientou o curso. Mas o problema não é exatamente do professor, (...) o problema está na forma de organização da educação, dos currículos, enfim, da formação” (PF).

O professor-formador considera que a experiência do curso lhe confirmou a premissa de que “os professores que se matricularam no curso talvez não precisassem do curso. Para quem participou, para mim, foi enriquecedor, acredito, pois na verdade foi um encontro entre professores pesquisadores e também realizadores de audiovisual. Então houve empatia e produção. Aprendi muito, e aprendi que preciso aprender mais” (PF). Percebe-se, assim, que, em se tratando de tecnologias, a formação precisa ir além da capacitação, ela precisa ser continuada, mesmo para o professor-formador, o qual compreendeu a necessidade de aprender com as novas aprendizagens que adquiriu (e) a partir do que ensinou.

Sobre as contribuições do curso para a prática pedagógica do professor

A pedagogia da imagem envolve, segundo Ferrés (1996), o conhecimento da linguagem audiovisual e do funcionamento dos meios de comunicação, além da capacidade didática de educar os alunos no contexto educacional. Acredita-se que o curso desenvolveu

essas capacidades nos cursistas, pois eles “saíram com um novo olhar sobre o que é o audiovisual, suas modalidades, novas maneiras de usar o vídeo em suas aulas; e principalmente saíram sabendo que podem também se tornarem realizadores de audiovisual”⁶ (PF).

No curso AE: TP, a formação teórica e a prática foram concomitantes, prevalecendo a preocupação com essa articulação: “as aulas foram intercaladas entre teóricas e práticas. Teoria e prática em termos analíticos devem ser pensados separadamente, mas é didático que sejam realizadas juntas” (PF). O formato “de teoria e prática como formação continuada tinha o propósito de iniciar o professor no campo” (PF). E isso pôde transformar a relação do cursista com o audiovisual, pois ele fez pesquisa para realização do vídeo, elaborou roteiro, filmou e editou seu vídeo, apropriando-se dos códigos da linguagem e da prática de expressão e comunicação por meio dessa linguagem.

Essa atividade de produção audiovisual resultou na aprendizagem de que a elaboração dos recursos didáticos para inserção em seu processo de ensino pode estar ao alcance do professor. Desse modo, ele assume a posição de autor de sua própria prática, dominando a leitura dos códigos audiovisuais, conhecendo as produções significativas realizadas pelos profissionais da área e elaborando produções para uso didático em ambientes educacionais.

Como atividade prática e final do curso, foi realizada uma apresentação dos vídeos feitos pelos professores-cursistas e seus alunos. Em virtude do envolvimento coletivo, o curso rendeu frutos para além do espaço convencional da sala de aula, resultando daí a criação da página virtual *Mostra Permanente Audiovisual e Educação* na rede social Facebook⁷. Nela estão postados alguns dos vídeos criados pelos cursistas. Trata-se de uma ferramenta que tem unido o grupo, o qual inclui professor-formador, professores-cursistas, oficinairos-colaboradores e ainda outros públicos, cumprindo a proposta de uma educação continuada.

Um elemento que, segundo o professor-formador, contribuiu para o êxito dessa formação foi o encontro entre profissionais envolvidos com o trabalho do audiovisual tornando “as aulas agradáveis e produtivas” (PF). Embora afirme que “o curso não tinha o objetivo de desenvolver capacitações, mas de instrumentalizar os professores para um olhar crítico sobre o audiovisual e (...) lhes introduzir na pesquisa e produção de vídeos”, pode-se

⁶ Todos os grifos nas transcrições das falas do professor-formador e dos professores-cursistas, no decorrer deste trabalho, foram feitos por esta autora.

⁷ Disponível em: <<http://www.facebook.com/#!/pages/Mostra-Permanente-de-Audiovisual-e-Educa%C3%A7%C3%A3o/302862436409890?pref=ts>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

afirmar que se conseguiu desenvolver essas capacidades, integrando “emotividade e racionalidade”, “leitura crítica e expressão criativa”. Isso faz com que “os cidadãos aprendam a interpretar de maneira crítica as mensagens que recebem [e] aprendam a expressar-se audiovisualmente com o mínimo de correção e criatividade” (FERRÉS, 2008, p. 314).

Sobre as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do curso

As dificuldades principais para desenvolver o curso foram de duas ordens: uma divulgação insuficiente e a carga horária reduzida. Em relação à pouca publicização, isso acarretou o não preenchimento das vagas existentes. Supõe-se que um número maior de alunos traria melhor troca de experiências e aprendizagens. Quanto à carga horária, o problema seria sanado com mais um semestre, ou módulo, de curso, pois “o ideal de um curso assim é que seja oferecido em dois módulos. Um para iniciantes, outro de aprofundamento” (PF).

Outros fatores citados como prejudiciais foram de ordem material, como a indisponibilidade de sala adequada para exibição de vídeo; circunstancial, como o atraso de alguns alunos; e conjuntural, como a greve dos professores. Mesmo não sendo esse o foco do curso, faltaram “tempo e monitores para uma instrumentalização em recursos mínimos no uso do audiovisual, como a manipulação de equipamentos básicos, mas que muitos professores não dominam, como ligar e desligar aparelhos” (PF). Um detalhe aparentemente insignificante reveste-se de importância, pois muitos professores não se sentem à vontade com as tecnologias.

Embora a carga horária tenha sido apontada como insuficiente e o professor-formador se mostre seguro da necessidade de mais um módulo para completar a formação adequada do professor para o audiovisual, o curso não foi complementado nem oferecidas novas edições. Ele desconhece o motivo disso e supõe ser “falta de oportunidade e/ou interesse da escola, do professor, dos alunos” (PF).

Últimas considerações sobre o curso, segundo o professor-formador

Para o professor-formador, a aprendizagem proporcionada pelo curso vem ao encontro das necessidades de uma formação em audiovisual, considerando que ela contemplou um trabalho que, incluindo teoria e prática, promoveu a construção do conhecimento do cursista, afirmando novos valores, habilidades e competências para o uso do audiovisual na

educação. O professor-formador considera que o curso alcançou parcialmente seus objetivos, mas garante que houve mudança de perspectiva, proporcionando “‘um outro olhar’ aos cursistas sobre o que é audiovisual, de maneira mais ampla” (PF), desenvolvendo sua capacidade de análise, julgamento, decisão e planejamento quanto ao uso das mídias na educação.

A mudança de ótica e de postura em relação ao uso do audiovisual como prática pedagógica talvez tenha sido o maior ganho do curso, pois está explícita na proposta de curso e agora na avaliação do professor-formador. Também sobre isso, observemos o que dizem os professores-cursistas.

A visão do professor-cursista

Esta seção apresenta uma análise da formação a partir das respostas coletadas no questionário respondido pelos professores-cursistas. Partindo dessa análise, foram organizadas as subseções desta seção 2.2.

Contribuições do curso para sua prática pedagógica

Todos os professores-cursistas informaram mudanças pessoais e/ou profissionais após terem feito o curso *AE: TP*. Reconheceram que ele ofereceu oportunidades de aquisição de novos conhecimentos e fundamentos científicos quanto ao uso do audiovisual em educação. Aprenderam sobre técnicas e tecnologias de produção de materiais e elaboração de projetos de ensino-aprendizagem, conforme sua área de interesse e atuação, no campo do audiovisual.

Eles afirmam ter ampliado e amadurecido sua visão quanto à necessidade de conhecer a tecnologia para incorporá-la ao espaço da escola e transformar esse espaço, tendo em vista a construção do conhecimento: “Passei a acreditar mais ainda na possibilidade do audiovisual ser uma grande ‘porta aberta’ para a produção de conhecimento. Não é somente um recurso interativo, mas possibilidade que o aluno tenha sim um aprendizado mais concreto e atualizado com a realidade desse mundo tecnológico” (PC⁸-1); “Minha ‘visão’ em relação ao rol de recursos de audiovisuais foi ampliada permitindo uma maior interação destes recursos nas minhas aulas” (PC-2). A tecnologia é reconhecida aí como um recurso em prol de uma modificação e inovação do processo pedagógico.

⁸ A sigla PC é usada para se referir ao professor-cursista, seguindo-se o número de sua identificação no questionário respondido.

Informam ainda que o curso estimulou o interesse em inovar, experimentar, criar, e a continuar investindo na formação: “o curso me incentivou a fazer outros cursos nesta temática. Aumentou meu interesse e motivação” (PC-4). Esse incentivo e interesse nasceram dos encontros entre professores, das trocas de experiências e interação, fundamentais na reflexão e construção de conhecimento: “outras ideias vieram através das experiências relacionadas e discutidas de outros colegas durante o curso” (PC-2); “Por intermédio de alguns colegas conheci alguns programas e tenho tentado estudá-los para aplicar com os alunos” (PC-3).

Discussões sobre o audiovisual e o trabalho com ele é uma realidade distante do cotidiano escolar: “quase nenhum professor realiza algo parecido (PC-1); “O curso trouxe uma discussão que normalmente não ocorre nas escolas” (PC-5). Ou não se divulgam as experiências: “Muitos trabalhos com resultados eficazes são realizados, mas não têm divulgação dentro da SEDF” (PC-3).

No entanto, a melhoria da prática em sala de aula e o trabalho interdisciplinar mostram o potencial do uso do audiovisual como uma evolução pedagógica em relação à transmissão tradicional de conteúdos. A maioria dos cursistas relata que pretende utilizar ou já utiliza as reflexões e conhecimentos construídos no curso em sua atividade pedagógica: “Pude aprimorar algumas ideias que vinha desenvolvendo com minhas turmas” (PC-2); “tenho tentado estudá-los para aplicar com os alunos” (PC-3); “Depois do curso fiz trabalhos interdisciplinares com vários filmes, entre eles Saneamento Básico. Tudo isso abriu um leque de condições para criar materiais para o trabalho com meus alunos que tem melhorado bastante” (PC-5); “A prática das ideias, pretendo desenvolver em sala de aula a partir deste ano, quando retorno após dois anos de afastamento para estudos” (PC-6).

Os aspectos que mais mudaram na vida dos professores-cursistas após o curso foi o respaldo junto à escola para o trabalho com o audiovisual, pois passaram a partilhar as experiências com outros colegas professores. Um deles citou que ao compartilhar suas experiências, os colegas “passaram a perceber que o trabalho com o audiovisual não era simplesmente um ‘atrativo’, mas uma possibilidade educativa real, concreta” (PC-1). Citaram-se a aquisição de saberes e experiências através das oficinas e discussões com colegas que já utilizavam diversos recursos e o conhecimento de pessoas que realizavam trabalhos semelhantes aos seus. Mencionou-se a percepção de que as aulas podem ficar mais interessantes com a

participação efetiva de todos e que “recursos audiovisuais podem ser facilmente trabalhados em diversos temas e por todas as disciplinas” (PC-4).

Dos 7 professores participantes da pesquisa, 5 declararam que o curso mudou sua prática pedagógica. Um deles avalia que sua prática melhorou e ele passou a “acreditar melhor na proposta, fundamentando-a e avaliando cada passo na busca de uma melhor alternativa de trabalho” (PC-1). Outro reconhece que aprimorou “diversos trabalhos já desenvolvidos com os alunos [e] consegui inovar em diversos outros assuntos através do audiovisual” (PC-2). Mais um diz: “Comecei a utilizar mais o audiovisual em sala de aula, tanto como exibição como produção com os próprios alunos” (PC-7).

Dos 2 cursistas que afirmaram não ter mudado sua prática, um disse não estar em sala de aula, mas ambos compartilharam as experiências com colegas e puderam “repassar as ideias para os demais professores que desenvolveram trabalhos de produção de vídeo com os alunos. A escola também promoveu no projeto denominado Festival da Paz a realização de vídeos sobre a temática ambiental que envolveu toda a comunidade escolar” (PC-5). Houve a multiplicação dos conhecimentos adquiridos no curso e o incentivo ao trabalho com o audiovisual.

Sobre a utilização das aprendizagens em sua prática, 5 afirmaram fazê-lo, sendo que uma das que não o fazem por estar em Coordenação Intermediária, utiliza esse espaço para fomentar o uso do audiovisual na educação. Quando se trata da diferença de atuação em relação a outros colegas que não fizeram o curso, 5 afirmaram que atuam de forma diferente, pois ainda há “professores utilizando as ferramentas audiovisuais de maneira a somente exemplificar conteúdos, não buscando aprofundar nas possibilidades que o audiovisual oferece” (PC-1). Outro afirmou: “busco com eles produzir material audiovisual na tentativa de produzir conhecimento. Passei a instruir melhor meus alunos a terem uma consciência mais crítica sobre o material exposto e sobre os processos de produção” (PC-2).

Há ainda um professor-cursista que pesquisa “muito material e disponibiliz[a] para os alunos tanto no laboratório como em um blog que [mantém]” (PC-2). Outro listou como diferenças em sua prática pedagógica em relação a colegas: “Utilização de laboratório de informática com certa frequência; Utilização da sala de vídeo; Incentivo aos alunos para produção de trabalhos em slides ou outros formatos; Trabalho com o olhar de cada um na produção de fotos” (PC-4).

Em relação às capacidades que o curso conseguiu desenvolver mais, citou-se a “de problematização e fundamentação das questões apresentadas pelos diversos materiais audiovisuais” (PC-1). Também foram mencionados: autonomia; seleção e adequação de imagens ao contexto de conteúdos; organização de trabalhos a partir do uso de celular: construção de projetos com eixos interdisciplinares utilizando filmes; valorização da autonomia do aluno; estímulo à criatividade; facilitação do processo de aprendizagem; e integração da comunidade escolar.

Em relação às capacidades que o curso desenvolveu menos, o ponto mais citado foi a utilização de câmeras, devido à carga horária reduzida, conforme explicação de alguns. Apesar dessa fragilidade, todos os 7 participantes disseram que o curso atingiu os objetivos para a formação de professores em audiovisual. Apesar disso, “a efetivação daquilo que foi produzido necessita ainda de investimentos nas escolas. Falta um pouco mais de abertura para investir no material audiovisual. As normas de aplicação dos recursos financeiros, sejam elas do governo local ou federal, não possibilitam gastos para a aquisição desse tipo de material nas escolas” (PC-1). Isso significa que tais recursos ainda não são reconhecidos como prioritários ou importantes. Um dos respondentes afirmou que no curso teve contato com recursos audiovisuais que lhe eram desconhecidos e passou a “utilizar alguns recursos que não utilizava durante minhas aulas” (PC-3). Outro afirmou que saiu “do curso montando projetos na escola onde trabalhei com mais segurança no produto final” (PC-5). Mas houve referência à “falta de mais tempo para o desenvolvimento de um trabalho mais concreto” (PC-4).

Os respondentes creditam a não oferta do curso em nova edição, ou mesmo uma continuidade com o segundo módulo, a fatores como: a existência de poucos participantes; a falta de interesse dos gestores; “falta de interesse dos profissionais da educação que se estagnam e ‘temem’ ter que aprender ideias novas e sair da zona de conforto” (PC-2); e a inexistência de professores-formadores “que se arriscam a ter o audiovisual em sua prática pedagógica” (PC-4).

Diante disso, o curso mostrou ter cumprido os objetivos, mas ainda se faz necessário superar essas dificuldades e deficiências, que foram pontuais e de ordem material. Entre essas, estão a oferta de cursos com maior carga horária para aprofundar e favorecer a aprendizagem prática; a melhoria do espaço para exibição dos filmes e disponibilização de material para desenvolver as atividades.

Dificuldades para participação no curso

As dificuldades enfrentadas para frequentar o curso foram a locomoção, o local (distante do trabalho e moradia dos cursistas), o horário de início das aulas (próximo ao término do turno da manhã), o trânsito congestionado e cansaço. Também “a pouca experiência com alguns dos recursos, programas e dispositivos de audiovisual” (PC-2) foi um aspecto dificultador.

A falta de espaço adequado, equipamento e material indispensável à realização de um curso voltado para o uso das mídias e tecnologias foi percebida como uma lacuna: “foi difícil conseguir um projetor, uma caixa de som e um telão para efetivar aquilo que nas conversas era construído. (...) seria importante a disposição de equipamentos de filmagem e edição para produção de material, uma espécie de laboratório audiovisual” (PC-1); e “maior carga horária, sala ambiente melhor e com mais recursos; cortinas para diminuir a claridade na exibição de filmes; computadores para as oficinas de edição, montagem e outros” (PC-2).

Os cursistas mencionaram a necessidade de carga horária maior a fim de oportunizar maior integração entre teoria e prática, pois muitas escolas possuem equipamentos e instalações para o trabalho, mas falta conhecimento, formação docente, para um aproveitamento educacional das novas tecnologias (PC-5).

Conclusões sobre os resultados do curso, segundo o professor-cursista

O objetivo do curso foi oferecer conhecimentos teóricos e práticos em relação aos processos de consumo e produção audiovisual em sala de aula. Havia o interesse que o professor-cursista saísse do curso minimamente instrumentalizado para integrar o conhecimento ao fazer pedagógico cotidiano. Quanto aos conhecimentos teóricos, este se deu a partir de leituras e discussões sobre textos e audiovisuais previamente apresentados, e em atividades sobre tipologias das imagens educativas e visualidade do ambiente escolar. Notou-se a apropriação de conhecimentos práticos sobre o uso de recursos audiovisuais (para alguns até então desconhecidos ou não utilizados na prática pedagógica) em atividades de seleção e adequação de imagens ao contexto de conteúdos e a organização de trabalhos a partir do uso de celular. Já a articulação teoria-prática se deu pelo exercício de produção audiovisual feito

pelo professor, a partir da apropriação dos códigos da linguagem audiovisual e da expressão e comunicação através dessa linguagem.

No que diz respeito à formação do professor crítico e reflexivo em relação ao seu saber (teórico) e a seu saber-fazer (prático), a análise dos dados permite afirmar que os respondentes apreenderam novas maneiras de olhar a tecnologia para incorporá-la ao espaço da escola e transformar esse espaço, tendo em vista a construção do conhecimento. Modificaram suas práticas e seus modos de relação com os meios audiovisuais, no sentido de ampliar e amadurecer sua visão quanto aos aspectos valorativos e formativos da expressão artística criadora. Muitos informaram que o curso veio estimular seu interesse por inovar, experimentar, criar a partir de ideias advindas das aulas e das trocas de experiências com os colegas, gerando reflexões e levando a trabalhos interdisciplinares nas escolas.

Com a transmissão do conhecimento teórico e prático apoiado no uso de novas tecnologias para a educação, a reconfiguração do olhar do professor para novas formas de se consumir e produzir alternativas didático-pedagógicas ligadas às tecnologias das novas mídias e do audiovisual, e a preparação profissional para transformações sociais e institucionais, o curso AE: TP cumpriu seu papel como ação formadora. As referências à construção de projetos com eixos interdisciplinares utilizando filmes nas escolas, ao uso de recursos audiovisuais no desenvolvimento do fazer pedagógico e ao trabalho realizado com maior segurança indicam a integração do conhecimento adquirido no curso ao fazer pedagógico cotidiano e mudanças na prática pedagógica após o curso.

Considerações finais

Este trabalho partiu de uma pergunta – “em que medida o curso *Audiovisual e educação: teoria e prática*, realizado no âmbito da EAPE, no ano de 2011, contribuiu para a prática dos professores-cursistas em seus trabalhos com o uso do audiovisual na educação?” – cujo sentido foi verificar a adequação e pertinência dessa proposta de formação continuada ao preparar o docente para desenvolver o trabalho com audiovisual no espaço escolar.

A análise dos dados coletados no questionário respondido pelo professor-formador revelaram que a formação ministrada no curso *AE: TP* buscou integrar teoria e prática no desenvolvimento do curso, contando, para isso, com a colaboração de outros profissionais experientes na área do audiovisual. Procurou-se sensibilizar os professores-cursistas para

uma nova maneira de ser, pensar e se comunicar para se adaptar à cultura midiática. Preocupou-se com a preparação técnica, tecnológica, expressiva e didática, desenvolvendo-se o conhecimento da linguagem audiovisual e dos mecanismos de funcionamento dos meios de comunicação de massa, além da capacidade didática de educar os alunos no contexto educacional.

Concluíram o curso conscientes de que podem e devem buscar e desenvolver a autoria, tornando-se sujeitos participativos e autores, realizadores de audiovisual, segundo suas necessidades e projetos, e forjando alunos autores. A criação de um vídeo como atividade do curso, a Semana de Audiovisual na Educação e a manutenção, ainda hoje, da página *Mostra Permanente Audiovisual e Educação*, na rede social Facebook, indicam que as contribuições do curso no cotidiano dos professores envolvidos vão além do tempo/espaço daquela formação, cumprindo a proposta de uma educação continuada.

Os dados colhidos no questionário respondido pelos professores-cursistas apontaram que o curso *Audiovisual e educação: teoria e prática* mudou a sua postura e ampliou sua visão sobre as formas de se trabalhar com o audiovisual. A apropriação de conhecimentos teóricos e práticos melhorou sua prática em sala de aula com a integração de recursos audiovisuais ao fazer pedagógico, após o conhecimento das formas e finalidades de sua utilização, nas oficinas onde se aprendeu a fazer fazendo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cândido José Mendes. **O que é vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Proposta do Curso Audiovisual e Educação: Teoria e Prática**. Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE). Subsecretaria de Educação Básica (SUBEB). Secretaria de Estado de Educação (SEDF). Governo do Distrito Federal (GDF). Brasília: EAPE, 2011.

BERNARDES, Sueli Terezinha de Abreu. “A poíesis do professor-filósofo”. In: SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira (Orgs.). **Professores e professoras: formação, poíesis e práxis**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 139-159.

BRASIL. Ministério da Educação. **Rede Nacional de Formação Continuada de Professores**. 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=231&option=com_content&view=article>. Acesso em: 07 dez. 2012.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. “Um modelo de formação e sua aplicação em educação continuada”. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 44, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982006000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 dez. 2012.

DEMO, Pedro. “Habilidades do século XXI”. **Boletim técnico do SENAC: a revista de educação profissional**, v. 34, n. 2. Rio de Janeiro: 2008, p. 5-15. Disponível em: <<http://www.oci.es/pdf2/habilidades-seculo-xxi.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. _____. Entrevista. **Contrapontos**, Itajaí, v. 8, n. 2, maio-ago. 2008, p. 309-315. Disponível em: <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/955/811>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

FREITAS, Neli Klix. “Inclusão socioeducativa na escola: avaliação do processo e dos alunos”. **Ensaio: avaliação de políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2012.

LIMA, Rafaela. **O vídeo na sala de aula: breve reflexão a partir das contribuições de Mario Kaplún e Paulo Freire**. 2004. Disponível em: <<http://www.aic.org.br/index.php/metodologia/publicacoes/>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MORAN, José. “Desafios da televisão e do vídeo à escola”. COUTINHO, Laura Maria. “Aprender com o vídeo e a câmera. Para além das câmeras, as ideias”. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005. p. 96-100.

_____. “Ensino e aprendizagens inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas”. In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 11-66.

_____. “O vídeo na sala de aula”. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, v. 2, jan.-abr. 1995, p. 27-35.

NEVES, Carmen M. C. “Pedagogia da autoria”. **Boletim Técnico do SENAC: a revista de educação profissional**, v. 31, n. 3, set./dez., 2005. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/313/boltec313b.html>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

OSÓRIO, Alda Maria do Nascimento. “O lugar da subjetividade na formação do professor”. In: SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira (Orgs.). **Professores e professoras: formação, poíesis e práxis**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 115-137.

RIZZO JÚNIOR, Sérgio Alberto. **Educação audiovisual: uma proposta para a formação de professores de Ensino Fundamental e de Ensino Médio no Brasil**. 2011. **Tese** (doutorado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-12092011-154616/pt-br.php>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

DA SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe. Formação continuada: do audiovisual à prática. **Revista Fórum Identidades**. v. 22, n. 22, jan./abr., p. 29-49, 2016.

Recebido: 06.10.2016 – **Aprovado:** 12.12.2016